

RESOLUÇÃO DE CONFLITOS E PROBLEMAS DE ABUSO PATERNO DO ÁLCOOL

CONFLICT RESOLUTION AND PROBLEMS OF PARENTAL ABUSE OF ALCOHOL

RESOLUCIÓN DE CONFLICTOS Y PROBLEMAS DE ABUSO PATERNO DE ALCOHOL

Vanessa Fagionatto Vicentin¹

Maria Isabel da Silva Leme²

RESUMO: O objetivo do presente estudo foi analisar o impacto do alcoolismo parental sobre a resolução de conflitos por adolescentes. A amostra foi composta por 84 estudantes de ensino fundamental e médio de uma escola pública de nível socioeconômico baixo, com idades entre 12 e 16 anos e, divididos em dois grupos: 42 filhos de pais com problemas de álcool e 42 participantes que não se enquadravam nesse grupo. Os instrumentos utilizados foram: Questionário CAGE Familiar e a versão aberta da escala The Children's Action Tendency Scale. Os adolescentes apresentaram predominantemente respostas submissas, seguidas de respostas agressivas. Não foi encontrada diferença significativa entre os filhos de pais com e sem problemas de álcool. Contudo, a análise de correspondência múltipla mostrou que as respostas agressivas estão mais associadas à presença de problemas de álcool enquanto as respostas assertivas à ausência destes problemas.

PALAVRAS-CHAVE: Conflito. Adolescência. Alcoolismo.

ABSTRACT: The goal of this research was to analyse the impact of parental alcohol problems upon teenagers' conflict solving strategies. The sample was composed by 84 first and second grade students from a low social economic level public school, aged between 12 and 16 years old, divided in 2 groups: 42 children of alcoholic parents and 42 whose parents did not have this problem. The materials used were: the CAGE Familiar Questionnaire and open version of The Children's Action Tendency Scale. The participants presented mainly submissive answers, followed by aggressive answers. No significant differences between children of alcoholic and non-alcoholic parents were found. However, the analysis of multiple correspondences showed a tendency to use more aggressive strategies among children of alcoholic parents and assertive answers to non-alcoholic parents.

KEYWORDS: Conflict. Adolescence. Alcoholism.

RESUMEN: El objetivo del presente estudio fue analizar el impacto del alcoholismo parental sobre la resolución de conflictos por adolescentes. La muestra fue compuesta por 84 estudiantes de enseñanza

¹ Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; Membro do GEPEN (Grupo de estudos e pesquisas em educação moral – UNESP/UNICAMP). E-mail: vanessavicentin9@gmail.com.

² Professora Doutora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. E-mail: belleme@usp.br.

fundamental y media de una escuela pública de nivel socioeconómico bajo, con edades entre 12 y 16 años y, divididos en dos grupos: 42 hijos de padres con problemas de alcohol y 42 participantes que no se encuadraban en ese grupo. Los instrumentos utilizados fueron: Cuestionario CAGE Familiar y el abierto derivado de la escala Children's Action Tendency Scale. Los adolescentes presentaron predominantemente respuestas sumisas, seguidas de respuestas agresivas. No fue encontrada diferencia significativa entre los hijos de padres con y sin problemas de alcohol. Con todo, un resultado encontrado a través del análisis de correspondencia múltiple mostró que las respuestas agresivas están más asociadas a los hijos de padres con problemas de alcohol mientras las respuestas asertivas a los hijos de padres sin problemas de alcohol.

PALABRAS CLAVE: Conflicto. Adolescencia. Alcoholismo.

INTRODUÇÃO

Os indicadores de violência resultante de situações de conflitos interpessoais, aqui concebidos como situações de desacordo, têm alarmado a população e instigado diversos pesquisadores a buscar mais informações que possam subsidiar ações preventivas. Esta preocupação se agrava quando se constata que as situações conflitantes que provocam reações agressivas e violentas, chegando em alguns casos à morte, ocorrem com bastante frequência entre jovens.

Contudo, esta não é a única realidade na área das relações interpessoais que nos chama a atenção. Muitas situações de conflito interpessoal não evoluem para mais violência em função de uma das partes não reagir atemorizada pelo poder do outro. Embora este tipo de reação diante de desacordos interpessoais pareça menos danosa, diversos autores observam que a autoimagem negativa e depressão são consequências bastante frequentes entre pessoas que reagem de forma submissa e passiva (LEWINSOHN, 1975; MARCHEZINI-CUNHA; TOURINHO, 2010; FERNANDES; FALCONE; SARDINHA, 2012).

Vale lembrar que é possível resolver conflitos interpessoais de forma justa e harmônica, por meio da estratégia assertiva, que se caracteriza pelo enfrentamento da situação de conflito sem constranger a outra parte. Entretanto, os índices de violência indicam problemas para resolver dessa forma os desacordos interpessoais, fato que motivou a realização da pesquisa que será aqui relatada.

Uma indagação desta pesquisa é sobre os fatores que contribuem para a construção das diferentes estratégias de resolução de conflitos. O estudo que será apresentado é parte de uma pesquisa de doutorado que teve a finalidade de analisar as possíveis relações entre condições de vida e a resolução de conflitos por adolescentes, no caso, a dependência paterna do álcool. Para tal, serão analisados na introdução teórica estudos que investigaram a relação entre resolução de conflitos e determinadas condições de vida. Esta análise será

finalizada discutindo o impacto da dependência de álcool paterna nos filhos adolescentes, visto que, segundo a literatura, este tipo de adicção prejudica o relacionamento entre os familiares (FIGLIE et al., 2004; HUSSONG et al., 2008; ARAGÃO; MILAGRES; FIGLIE, 2009; SOUZA; CARVALHO, 2012). Assim, a hipótese inicial é a de que estes problemas diminuam a probabilidade de resolução assertiva de conflitos entre os adolescentes que convivem com um pai com problemas com o álcool.

ESTRATÉGIA AGRESSIVA DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

Ao tratar da estratégia agressiva, a primeira polêmica com que nos deparamos tem relação com a definição do conceito. Leme (2004) observou que uma ampla gama de comportamentos é considerada agressiva, variando do ataque físico até formas mais veladas, como a maledicência.

A natureza da agressividade, intrínseca aos seres vivos, é multidimensional e complexa, pois corresponde a um leque de expressões comportamentais de intensidade variável, incluindo elementos verbais e não verbais, físicos e psicológicos. Sendo assim, tanto um pequeno empurrão como um espancamento (que são atos de intensidades diferentes e com componentes físicos) fazem parte do conceito de agressão.

Neste trabalho será adotado o conceito usado por Deluty (1979) e Leme (2004) para caracterizar a agressão como estratégia de resolução de conflitos. Segundo os autores, o comportamento agressivo caracteriza-se pelo enfrentamento da situação de conflito interpessoal, por meio da coerção, como uso de violência física ou verbal resultando, assim, em desrespeito ao direito, sentimento e à opinião alheia. O indivíduo que resolve um problema de forma agressiva considera apenas a própria perspectiva no momento do desacordo interpessoal.

O estilo parental, manifestado em práticas de criação e disciplina, vem sendo relacionado a diferentes consequências no funcionamento psicológico dos filhos, como por exemplo, a sociabilidade, o que tem despertado controvérsia entre os pesquisadores. Isto porque, para alguns, esta relação não pode ser considerada determinística, em virtude da quantidade de variáveis envolvidas, como contexto familiar em termos de composição da família, funcionamento familiar, nível de instrução dos pais, seus objetivos para com a criança, valores e normas da cultura, e finalmente, características da própria criança, como idade, sexo, traços, personalidade, experiências, etc. (MONTANDON, 2005). Para outros pesquisadores, entretanto, algumas relações podem ser estabelecidas como a identificada por

Reppold, Pacheco e Hutz (2005) e Carvalho (2012) entre práticas disciplinares coercitivas dos pais e tendência à agressão nos filhos. Os autores observam que os pais ao agirem de forma agressiva com o intuito de modificar as condutas indesejadas dos filhos estariam inadvertidamente apresentando um modelo eficaz para obtenção de resultados desejados, pois a violência daquele de quem a criança depende pode inspirar medo. Assim, quando aquele que foi agredido estiver numa posição assimétrica quanto à autoridade, ou mesmo de igualdade, mas buscando fazer prevalecer seus objetivos, tenderá a utilizar estratégias agressivas. Além desses resultados, diversos estudos evidenciam que vítimas de agressões constantes na infância, caracterizadas como violência doméstica, tendem a tornarem-se adolescentes agressivos ou futuros agressores de seus familiares (AZEVEDO; GUERRA, 1995; MENEGUEL; GIUGLIANI; FALCETO, 1998; CARVALHO, 2012).

Já o estilo de educação negligente, praticado por progenitores que não se envolvem com seu papel de pais, apresentando baixa exigência, pouca comunicação e afeto na relação com os filhos, assim como o estilo indulgente, que apresenta baixa exigência, alta comunicação e afeto com os filhos, tem usualmente como consequência dificuldades em todas as áreas, inclusive condutas antissociais (REPPOLD; PACHECO; HUTZ, 2005; CARVALHO, 2012). Entretanto, vale observar que em algumas culturas, o autoritarismo parental é visto pelos filhos como sinal de cuidado (SORBRING; RODHOLM-FUNNEMARK, PALMERUS, 2003).

No que diz respeito à influência da escola, um estudo com 4025 alunos da 6ª e 8ª série do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio da rede pública e particular de São Paulo demonstrou que existe, de modo geral, satisfação com a qualidade do ensino e com o ambiente de convivência. Contudo, os alunos percebem assimetria na gestão da disciplina, já que 48% dos alunos da escola pública e 38,2% das privadas consideram as regras escolares injustas. Além disso, 47,1% dos estudantes de escolas públicas e 34,5% de privadas consideram o relacionamento entre professor e aluno difícil. Entre outros motivos, a questão de autoritarismo docente é apontada pelos alunos como um dos motivos da dificuldade de relacionamento (LEME, 2008).

Estas pesquisas mostram que a educação autoritária pode contribuir para a construção de um estilo de resolução de conflito agressivo nos jovens. Não obstante, alguns estudos mostram o contrário, ou seja, a educação autoritária induzindo o estilo de resolução de conflito submisso.

ESTRATÉGIA SUBMISSA DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

A estratégia de resolução de conflitos submissa caracteriza-se pelo não enfrentamento da situação, por meio de fuga ou esquivas de uma das partes, que deixa assim prevalecer os direitos e sentimentos do outro em detrimento dos próprios (DELUTY, 1979; LEME, 2004). Como descrito a seguir, encontram-se estudos que indicam relação entre o relacionamento familiar ou escolar e a adoção de estratégias de resolução submissas.

Analogamente à forma segundo a qual o ambiente familiar se estrutura, a organização escolar pode influenciar na maneira de como os alunos se relacionam e lidam com seus conflitos interpessoais, bem como o modo como interpretam e resolvem conflitos hipotéticos. Esta relação foi verificada em um estudo do qual participaram duas classes de escolas públicas, uma caracterizada por relações autocráticas, em que o professor centralizava as decisões sobre o que podia ou não ser feito, resolvendo os problemas pelos alunos, e outra por relações democráticas, onde a elaboração de regras era realizada coletivamente e o professor desempenhava o papel de mediador. Verificou-se que as crianças da classe autocrática forneceram mais respostas caracterizadas como de obediência submissa a situações de conflito interpessoal hipotético, enquanto as crianças da classe cooperativa utilizavam-se mais de estratégias de persuasão, de explicação, e de coordenação dos atos com os sentimentos. Os resultados sugerem que o comportamento submisso pode ser uma das consequências para a criança que convive com figuras de autoridade que limitam as oportunidades de aprendizagem, restringindo as interações entre pares por meio de decisões unilaterais em um ambiente coercitivo (VINHA; MANTOVANI DE ASSIS, 2007).

No âmbito da família, Caetano e Yaegashi (2011) discutiram sobre o conceito de obediência na relação entre pais e filhos. Constatou-se em uma de suas investigações que os pais não desejavam que seus filhos se tornassem submissos e obedientes, apesar do tipo de educação autoritária que a maioria sofreu na sua própria infância. Em função disso, baseavam suas intervenções com os filhos em ações menos coercitivas que as de seus pais, ainda que as mesmas pudessem ser caracterizadas como punições que poderiam levar à submissão. A maioria dos pais valorizava a obediência, ou seja, submissão às regras impostas pelas figuras de autoridade, na medida em que afirmaram que quando a desobediência ocorre é necessário usar artifícios para que a criança perceba sua autoridade. Assim, esses estudos explicam o comportamento de uma parcela de pessoas submissas que, a partir de suas interações com modelos autoritários no passado foram coagidas a se comportar de determinada maneira e não aprenderam formas alternativas de enfrentamento.

Conclui-se que um ambiente familiar ou escolar autoritário contribui tanto para a construção de estratégias de resolução de conflitos agressivas como submissas. Parece que as condições de assimetria e intimidação que este tipo de ambiente estabelece não favorecem a formação de pessoas que resolvam seus desentendimentos de forma justa e harmônica como a estratégia assertiva analisada a seguir.

ESTRATÉGIA ASSERTIVA DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

A estratégia de resolução de conflitos assertiva é também uma forma não violenta de enfrentamento das situações de desentendimento, que segundo Deluty (1981), se manifesta pela defesa explícita dos próprios direitos e opiniões, sem, contudo, apelar para qualquer forma de coerção, como violência ou desrespeito ao direito e à opinião dos outros. Diferenciando o comportamento assertivo do agressivo e do submisso, alguns autores apontam algumas estratégias como, o diálogo, e a consideração pelos desejos de todos, por meio de uma posição conciliatória, que beneficie parcialmente todas as partes, e a expressão de expectativas, desejos e sentimentos de forma direta (DELUTY, 1981; LEME, 2004; FERNANDES; FALCONE; SARDINHA, 2012). Já os componentes não verbais do comportamento assertivo manifestam-se através do contato visual direto, nível de voz compatível com o de uma conversação, fala fluida e respostas diretas às situações. É pertinente a observação dos autores sobre a importância dos componentes não verbais para avaliar uma dada estratégia de resolução, já que no cotidiano observam-se pessoas que expressam ideias e sentimentos que consideram o outro, mas que são interpretadas como agressivas ou submissas devido ao tom de voz ou à forma de olhar, por exemplo.

Para que um indivíduo tenha condições de resolver um conflito interpessoal de forma assertiva é preciso que este tenha recursos cognitivos e afetivos para tal (LEME, 2004). Isso porque uma solução assertiva envolve operações mentais de descentração, síntese entre opostos, coordenação de diferentes perspectivas e variáveis, antecipação e reconstrução no plano mental. Em suma, é preciso pensar em si mesmo e no outro a partir de inúmeras dimensões para resolver um conflito de forma assertiva. No que diz respeito à dimensão afetiva é preciso construir a capacidade de regular as próprias emoções e expressar os sentimentos de forma objetiva, reconhecer e considerar os sentimentos dos outros envolvidos no conflito e nutrir sentimentos que possam contribuir para a valorização equilibrada do “si mesmo” e do “outro”. Em suma, a valorização de pessoas e relações interpessoais são consideradas pré-condição da resolução de conflito assertiva.

A escassez de programas educacionais que visam a favorecer a formação de crianças e adolescentes para a autonomia moral e para a resolução de conflitos de forma assertiva, assim como o exercício da autoridade, com o mínimo de coerção possível, constituem-se em potenciais fatores de risco para as relações interpessoais. Neste sentido, como será analisado a seguir, as crianças e adolescentes provenientes de famílias em que algum dos progenitores apresenta problemas de abuso ou dependência de substâncias psicoativas podem manifestar ainda mais dificuldade em resolver conflitos interpessoais de modo satisfatório.

CARACTERÍSTICAS DE FILHOS DE PAIS ABUSADORES E DEPENDENTES DE ÁLCOOL

Uma questão que vem alarmando as autoridades e a população diz respeito ao aumento da prevalência do uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas como mostra um estudo que comparou dois levantamentos domiciliares de uso de drogas no Estado de São Paulo nos anos de 1999 e 2001 (GALDURÓZ et al., 2003). O estudo abrangeu cidades com mais de 200 mil habitantes, participando aqueles entre 12 e 65 anos. Em 1999, 11% dos entrevistados informaram já ter feito uso de drogas ilícitas o que aumentou para 18,3% em 2001. Quanto ao álcool, o crescimento foi maior ainda, pois em 1999, 53,2% informaram já ter usado, o que aumentou para 79,2% em 2001. Participantes caracterizados como dependentes de álcool foram estimados em 6,6% em 1999 e 9,4% em 2001. O estudo comprova a percepção de que mais pessoas estão experimentando drogas e ficando delas dependentes no decorrer dos últimos anos.

Além desse crescimento, observam-se as seguintes complicações sociais advindas do uso abusivo do álcool: funcionamento familiar prejudicado, violência doméstica, problemas no trabalho, habitação, dificuldades financeiras, crimes e transgressões, como dirigir alcoolizado e ficar vulnerável a prejuízos físicos e materiais em função do estado de embriaguez (BORDIN; FIGLIE; LARANJEIRA, 2004; SOUZA; CARVALHO, 2012).

Payá e Figlie (2004) apontam que o impacto que a família sofre com o uso de drogas por um de seus membros corresponde às reações do próprio usuário. As autoras descrevem quatro estágios que a família pode vivenciar em função da dependência de um de seus membros das drogas ou álcool. Na primeira fase em que a família se da conta do problema, prevalece o mecanismo de negação, que provoca tensões e desentendimentos, pois as pessoas deixam de falar o que realmente sentem e pensam. No segundo estágio, a família

tenta controlar o uso da substância pelo dependente, bem como as consequências físicas, emocionais, ocupacionais e sociais. Pode ocorrer um clima de segredo familiar, sendo a família cúmplice de mentiras relacionadas ao abuso da substância psicoativa. Já no terceiro estágio, os membros da família adotam papéis rígidos e previsíveis, assumindo a responsabilidade de atos que não cometeram. É frequente ocorrer acúmulo de papéis pelos membros da família, como a mãe que assume também o papel de pai em função do alcoolismo do marido, ou a filha que cuida dos irmãos. O quarto e último estágio descrito pelas autoras é caracterizado por exaustão emocional, podendo surgir graves distúrbios de comportamento entre os familiares e uma grave desestruturação familiar.

Concordando com estes autores, Hussong et al. (2008) examinaram as diferenças entre filhos de pais alcoolistas (COAS) e de pais não alcoolistas através de três estudos longitudinais. Os resultados mostraram que os filhos de pais alcoolistas apresentam maior vulnerabilidade ao estresse. Além disso, os estressores para os filhos de pais de alcoolistas são mais repetitivos e severos do que os enfrentados por filhos que não estavam nesta condição. Foi encontrado um grande número de separações familiares e de problemas financeiros entre os estressores dos filhos de pais alcoolistas. Um alerta feito pelos autores é que os comportamentos antissociais do progenitor dependente e a sua atuação inadequada diante dos amigos dos filhos podem estar diretamente relacionados ao estresse. Outro resultado é que os pais com problemas com o álcool continuam a ser uma fonte de estresse para os filhos no decorrer da vida. Hussong et al. (2008) citam a alta taxa de desordens psiquiátricas encontradas entre os filhos de pais alcoolistas e redução da capacidade de enfrentamento psicológico do indivíduo.

Em estudo realizado por Figlie et al. (2004), no qual foram entrevistadas crianças e adolescentes, filhos de dependentes químicos, 54% destes relataram agressão física na família, 41% morte de familiares, 31% problemas policiais e 30% doenças graves. Das crianças desse estudo, 77,8% relataram situação de conflito familiar frequente. Tem-se constatado que as famílias de alcoolistas têm menor capacidade de solução de problemas, tanto entre os pais como na família como um todo, quando comparadas a famílias de não alcoolistas. Outro dado que chama a atenção das autoras nesse estudo é que 58% dos cônjuges dos alcoolistas apresentam vulnerabilidade a distúrbios mentais, 73% declararam que a gravidez não foi planejada e 59% dos filhos necessitavam de algum tipo de tratamento, o que evidencia condições disfuncionais para o desenvolvimento infantil e um ambiente familiar de risco. Além disso, muitos filhos de alcoolistas percebem pouca comunicação entre os outros

integrantes da família, vistos como distantes e pouco comunicativos (PAYÁ; FIGLIE, 2004). É possível que essa pouca comunicação constitua uma forma de negar e evitar o problema do familiar dependente, ou consequência de um convívio já prejudicado. Vale ressaltar que Zanoti-Jeronymo, Laranjeira e Figlie (2008) realizaram uma extensa revisão da literatura, abrangendo 182 artigos, sobre as relações entre abuso de álcool e violência doméstica, na qual constataram a necessidade de mais estudos, em virtude do alcoolismo parental e a violência doméstica terem sido avaliados separadamente. As amostras foram constituídas em geral por adultos jovens do sexo masculino, não sendo examinadas as diferenças de gênero.

Sintetizando os resultados sobre as consequências do alcoolismo parental para os filhos, a maioria dos estudos indica maior dificuldade emocional e comportamental nessa população. Assim, é muito provável que o empobrecimento da capacidade de solucionar problemas e resolver conflitos ocorra de forma significativa entre os filhos de pais com problemas com o álcool. Entretanto ainda sabe-se pouco se este empobrecimento na capacidade de resolver problemas se generaliza para outras situações. A resolução de conflitos interpessoais nesta população é um assunto que tem sido pouco estudado e, portanto, evidencia a importância de mais pesquisas que possam ajudar a esclarecer as dimensões relacionadas. A investigação apresentada neste trabalho teve justamente o objetivo de preencher esta lacuna, comparando as estratégias de resolução de conflito de adolescentes filhos de pais abusadores ou dependentes de álcool e filhos de pais sem este problema em situações fictícias.

MÉTODO

Participantes

Participaram da coleta preliminar de dados 266 adolescentes de ambos os sexos da 7ª e 8ª série do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública da região de Campinas. A idade dos alunos variou de 12 a 17 anos. A partir das respostas dadas ao instrumento de diagnóstico aplicado nesta etapa foi composta a amostra com 42 adolescentes que atingiram o critério de filho de pai que apresenta problemas com o álcool e 42 de seus colegas, selecionados aleatoriamente, que não informaram o mesmo problema, perfazendo o total de 84 participantes.

Instrumentos e análise dos dados

Para identificar os adolescentes cujos pais têm problemas com o álcool foi utilizado o Questionário CAGE Familiar (FRANK et al., 1992). O instrumento CAGE (acrônimo referente às suas quatro perguntas na língua inglesa - *Cut Down, Annoyed by criticism, Guilty e Eye-opener*) é um dos mais simples instrumentos utilizados para indicar suspeita de problemas com o álcool. Foram utilizadas duas respostas afirmativas como critério para inclusão no grupo de filho de alcoolista, da mesma forma que outros autores que já utilizaram este instrumento no Brasil (FILHO et al., 2001; FIGLIE et al., 2004). Acrescentou-se às questões do CAGE Family a pergunta: “quem?” em função do objetivo de estudar neste momento só os filhos de pais abusadores e dependentes de álcool. A inclusão de outros familiares com problemas de álcool, como mães ou irmãos, poderia dificultar a interpretação dos resultados em função da maior variação nas condições de vida.

Para analisar as tendências de resolução de conflitos dos participantes foi utilizado o questionário aberto derivado da escala Children's Action Tendency Scale (DELUTY, 1981). A avaliação é feita por meio da descrição de conflitos interpessoais fictícios envolvendo pais, amigos ou colegas que provocam situações de frustração, perdas, ameaças e outras. Em cada conflito apresentado o participante é convidado a relatar o que faria se estivesse naquela situação. O instrumento foi cedido por Deluty e Leme (2004) que o traduziu e adaptou junto a uma amostra brasileira. Para aprofundar a compreensão do processo foi acrescentada a pergunta: “por que” em seguida à questão sobre o que o participante faria se estivesse na situação.

As respostas sobre a resolução de conflito foram transcritas e categorizadas considerando a ação relatada pelo participante e sua justificativa. As categorias foram divididas nas seguintes estratégias de resolução de conflito: agressiva, submissa, assertiva, e mistas, combinando duas das anteriores, como assertiva-submissa, submissa-agressiva e assertiva-agressiva. A categorização das respostas foi avaliada por um psicólogo, que munido dos critérios categorizou parte das respostas.

A aplicação do questionário foi feita coletivamente em sala de aula, em horário cedido pelos professores que não permaneceram na sala durante a aplicação. Antes de dar início à coleta, foi esclarecido que a participação da pesquisa não era obrigatória assim como a identificação dos participantes, de acordo com especificado no projeto aprovado pelo Comitê de Ética da instituição de origem dos pesquisadores.

RESULTADOS

Com relação ao total de respostas dadas pelos participantes, 29,1% foram categorizadas como submissas, 23,3% agressivas e 12,1% assertivas. Quanto às respostas categorizadas como mistas, 11,6% foram categorizadas como submissa-assertiva, 10% submissa-agressiva e 5,7% agressiva-assertiva.

No que diz respeito à predominância de uma estratégia de resolução sobre as demais nas 10 situações de conflito, verificou-se que quase metade (39,29%) do grupo de participantes apresentou predominância de respostas categorizadas como submissas, seguidos por 28,57% dos participantes que indicaram mais respostas agressivas. Já quase um quinto da amostra (19,05%) não apresentou predominância de respostas que se distribuíram nas três categorias. Apenas 5,95% dos participantes manifestaram predominância de respostas assertivas, e 4,76% de respostas mistas.

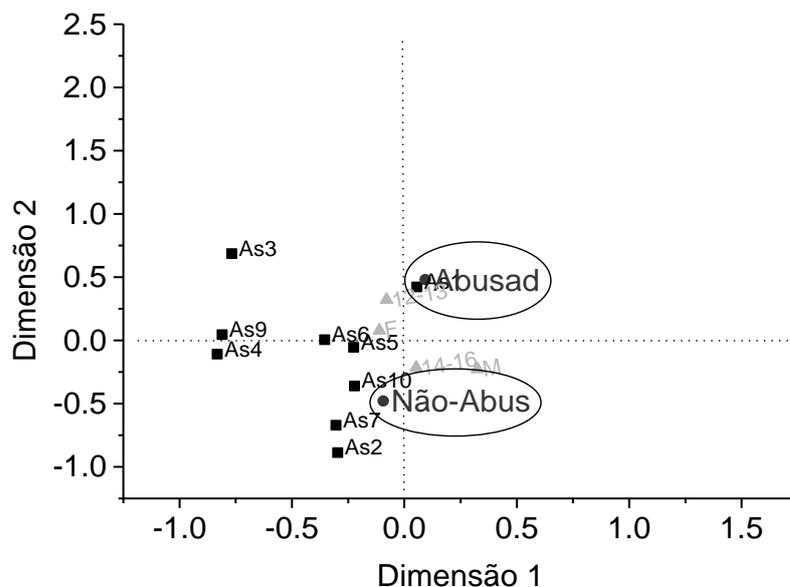
Foi realizada uma análise estatística através do teste Qui-Quadrado e do teste exato de Fisher a fim de verificar a existência de diferenças significativas entre as respostas dos adolescentes cujos pais abusam ou são dependentes de álcool, e as dos adolescentes que não estavam nesta condição na ocasião da coleta de dados.

Os resultados relativos às estratégias predominantes dos dois grupos nas 10 situações de conflitos indicam que os filhos de pais abusadores de álcool apontam mais respostas categorizadas como agressivas (33,33%) quando comparados aos filhos de pais não abusadores de álcool (23,81%). Além disso, o último grupo aponta mais respostas assertivas (9,52%) que o primeiro grupo (2,38%). A proporção de respostas submissas dos dois grupos foi bastante semelhante (38,10% filhos de não alcoolistas e 40,48% filhos de alcoolistas), ocorrendo proporções idênticas nas estratégias categorizadas como mistas (7,14%). Não foi encontrada predominância de estratégias de solução de conflitos em 21,43% dos filhos de pais não abusadores de álcool e 16,67% dos filhos de pais abusadores de álcool. O teste exato de Fisher não encontrou diferença significativa entre os dois grupos no que diz respeito às suas estratégias de solução de conflitos ($p=0,650$). Também não foram encontradas diferenças de gênero e somente uma associada à idade. Em uma situação envolvendo um amigo que recusa o pedido de partilha de um doce, os alunos mais jovens entre 12 e 13 anos deram mais respostas submissas do que os mais velhos, entre 14 e 16 anos, que deram mais respostas mistas.

Entretanto, a análise comparativa das tendências de resolução de conflito de filhos de pais abusadores de álcool e filhos de pais não abusadores em cada conflito do

questionário CATS evidencia que os primeiros forneceram uma proporção menor de respostas assertivas; principalmente em duas situações em que os conflitos envolvem os pais.

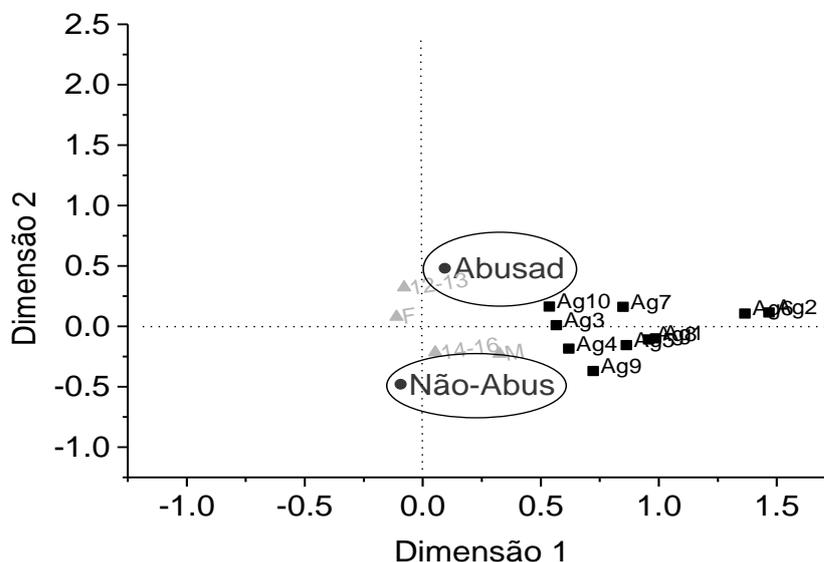
Figura 1: Distribuição de respostas de filhos de pais abusadores e não abusadores de álcool e o estilo de resolução de conflito assertivo



A análise de correspondência múltipla também evidencia que a ausência de abuso de álcool pelos pais se associa mais a respostas assertivas dos filhos do que no grupo em que ocorre abuso (figura 1). A dimensão 1 da figura 1 representa a distribuição do estilo de resolução de conflito, que nesse caso é o assertivo, e a dimensão 2 representa a distribuição dos dois grupos. Os filhos de pais abusadores de álcool estão representados na parte superior do gráfico e filhos de pais não abusadores na parte inferior. Observa-se uma maior concentração de respostas assertivas entre os filhos de pais não abusadores de álcool, principalmente naqueles que envolvem os pais.

Dessa forma, pode-se observar que os filhos de pais abusadores de álcool dessa amostra apresentam maior dificuldade em utilizar estratégias assertivas em situações de conflito, em especial naqueles que envolvem os pais. Essa análise exploratória também evidencia que o abuso de álcool por parte dos pais está um pouco mais associado às estratégias de resolução de conflito agressiva dos filhos (figura 2). Nesse caso, a dimensão 1 do gráfico da figura 2 representa a distribuição do estilo de resolução de conflito agressivo.

Figura 2: Distribuição de respostas de filhos de pais abusadores e não abusadores de álcool e o estilo de resolução de conflito assertivo



Em suma, ainda que não tenha sido verificada diferença significativa nos testes estatísticos realizados, os resultados indicam que os filhos de pais não abusadores de álcool apresentam maior tendência a escolher respostas assertivas, enquanto os filhos de pais abusadores de álcool as agressivas. Nos dois conflitos que envolvem os pais foi observada a maior diferença entre os dois grupos, sendo que os filhos de pais não abusadores de álcool superaram os filhos de pais abusadores de álcool no fornecimento de respostas assertivas. Vale relatar que quando o conflito envolvia os pais e um amigo, os filhos de pais abusadores de álcool tenderam a usar a estratégia assertiva com o amigo e a agressiva com os pais, diferentemente dos filhos de pais não abusadores de álcool que informaram que argumentariam com os pais.

DISCUSSÃO

Um resultado importante encontrado neste estudo foi o privilégio dado pelos participantes às estratégias submissa e agressiva em segundo lugar, que confirmam resultados anteriores (LEME, 2004) com o mesmo instrumento. Os dados permitem assim a mesma conclusão anterior, de que os adolescentes carecem de oportunidades de aprendizagem de resolução de conflitos interpessoais (VICENTIN, 2009), independentemente da condição de abuso de álcool na família.

Apesar de não ter sido encontrada diferença estatística significativa entre os dois grupos quanto ao uso de estratégias assertivas nas situações de conflito, a análise da maioria das situações evidenciou que os filhos de pais abusadores de álcool sugerem ter mais dificuldade de resolução de conflitos interpessoais, pois usam mais estratégias agressivas que assertivas, diferentemente de seus pares, filhos de pais não abusadores de álcool.

Zanoti-Jeronymo e Carvalho (2005) na revisão bibliográfica que realizaram sobre alcoolismo parental e sua repercussão sobre os filhos encontraram uma diferença significativa na autoestima, rendimento escolar e motivação, mais prejudicados entre os filhos de alcoolistas do que entre filhos de não alcoolistas. Esses resultados corroboram os de outros estudos, como dificuldade de abstração e raciocínio conceitual entre os filhos de alcoolistas, que resultam em dificuldade de solução de problemas, sejam eles acadêmicos ou relacionados à vida cotidiana (PAYÁ; FIGLIE, 2004), o que talvez explique a maior incidência de conflitos familiares entre eles (FIGLIE et al., 2004). Associado a esse fator, as autoras também encontraram rebaixamento de autoestima, alto índice de carência afetiva, e utilização de defesas como a negação de problemas, o que pode representar empobrecimento da capacidade de solucionar conflitos. Problemas pessoais e interpessoais em filhos de pais alcoolistas foram apontados por diversos estudos (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; PAYÁ; FIGLIE, 2004; SOUZA; JANOTI-JERONYMO; CARVALHO, 2005; SOUZA; CARVALHO, 2012), o que também pode explicar a menor tendência em usar estratégias assertivas, comparados aos filhos de não alcoolistas. Vale observar ainda, que é provável que o desgaste na relação familiar decorrente do abuso ou dependência paterna do álcool possa explicar as estratégias dos participantes nesses dois contextos de conflitos. Zanoti-Jeronymo e Carvalho (2005) afirmam que ficou evidente nos estudos analisados na citada revisão bibliográfica que o alcoolismo dos pais estava associado à interações negativas, baixa sensibilidade e afeto negativo, além de menos diálogo entre pais e filhos, o que pode explicar a menor assertividade e maior agressão observados entre filhos de alcoolistas do presente estudo.

Não se pode deixar de observar que ao mesmo tempo em que os filhos de pais abusadores de álcool apresentam menos respostas assertivas na solução de conflitos, eles os compensam também com mais respostas agressivas, o que foi constatado na análise de correspondência múltipla. Os fatores que contribuem para esse resultado são os mesmos que acabamos de destacar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comparar as estratégias de solução de conflito dos filhos de pais abusadores e dependentes de álcool com adolescentes cujos pais não estavam nessa condição foi o foco dessa pesquisa. A análise estatística inicial não confirmou dados da literatura, já que não surgiram associações significativas entre agressividade e submissão entre os filhos de pais com problemas de álcool. Entretanto, um exame mais atento sobre a proporção das diferentes respostas e sobre a análise de correspondência múltipla confirmou a associação entre ausência de abuso de álcool dos pais e uso de estratégias assertivas, assim como presença de problemas de álcool por parte do pai com as estratégias agressivas.

Considerando esses resultados relativos à associação entre estratégias utilizadas e abuso de álcool por parte do pai, pode-se afirmar que este tipo de problema da figura paterna dificulta a construção pelos seus filhos de estratégias psicologicamente mais evoluídas e equilibradas de solução de conflito, como a estratégia assertiva. Além disso, parece essencial que as instituições educacionais reconheçam o seu papel formador e transformador de realidades pouco satisfatórias. A escola que compreende o seu papel na comunidade apresenta condições de integrar os pais no ambiente escolar e, quem sabe, colaborar para a sensibilização deles sobre a importância da qualidade de sua presença para o desenvolvimento satisfatório de seus filhos.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, A. T. M.; MILAGRES, E.; FIGLIE, N. B. Qualidade de vida e desesperança em familiares de dependentes químicos. *PsicoUSF*, Itatiba, v. 14, n. 1, abr. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712009000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 fev. 2014.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. *A violência doméstica na infância e na adolescência*. São Paulo: Robe, 1995.

BORDIN, S.; FIGLIE, N. B.; LARANJEIRA, R. Álcool. In: BORDIN, S.; FIGLIE, N. B.; LARANJEIRA, R. (Org.). *Aconselhamento em dependência química*. São Paulo: Roca, 2004. p. 31-52.

CAETANO, L. M.; YAEGASHI, S. F. R. A obediência e a relação escola e família. *Revista Teoria e Prática da Educação*, v. 14, n. 3, p. 57-66, set./dez. 2011.

CARTER, B.; MCGOLDRIK, M. As mudanças do ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar. In: CARTER B.; MCGOLDRIK, M. (Org.). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 7-29.

CARVALHO, S. C. C. *Problemas de comportamento na adolescência: relação com a estrutura familiar e práticas educativas parentais*. 2012. 51f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia). Escola de Psicologia. Universidade de Minho, Minho-PT, 2012.

DELUTY, R. H. Alternative thinking ability of aggressive, assertive, and submissive children. *Cognitive Therapy and Research*, n. 5, p. 309-312, 1979.

DELUTY, R.H. Children's evaluation of aggressive, assertive, and submissive responses. *Journal of Clinical Psychology*, v. 12, n. 2, p. 124-129, 1981.

FERNANDES, C. S.; FALCONE, E. M. O.; SARDINHA, A. Deficiências em habilidades sociais na depressão: estudo comparativo. *Psicologia: teoria e prática*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 183-196, abr. 2012.

FIGLIE, N. B. et al. Filhos de dependentes químicos com fatores de risco biopsicossociais: necessitam de um olhar especial? *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 31, n. 2, p. 53-62, 2004.

FILHO, G. J. P. et al. Emprego do questionário CAGE para detecção de transtorno de uso de álcool em pronto-socorro. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 47, n. 1, p. 65-69, jan./mar., 2001.

FRANK, S. H. et al. Use of the family CAGE in screening for alcohol problems in primary care. *Arch Fam Med*, n. 1, p. 209-216, 1992.

GALDURÓZ, J. C. F. et al. Comparação dos resultados de dois levantamentos domiciliares sobre o uso de drogas psicotrópicas no estado de São Paulo nos anos de 1999 e 2001. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 52, n. 1, p. 43-51, 2003.

HUSSONG, A. M. et al. Characterizing the life stressors of children of alcoholic parents. *Journal of Family Psychology*, v. 22, n. 6, p. 819-832, 2008.

LEME, M. I. S. Educação, igualdade e diversidade: violência e convívio escolar. In: CARDOSO, C. M. (Org.) *Convivência na diversidade: cultura, educação e mídia*. São Paulo: UNESP: Cultura Acadêmica Editora, 2008. p. 106-126.

_____. Resolução de conflitos interpessoais: interação entre cognição e afetividade na cultura. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 367-380, 2004.

LEWINSOHN, P. A behavioral approach to depression. In: FRIEDMAN, R. J.; KATZ, M. N. (Ed.). *The psychology of depression*. New York: Wiley, 1975. p. 157-178.

MARCHEZINI-CUNHA, V.; TOURINHO, E. Z. Assertividade e autocontrole: interpretação analítico-comportamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 26, n. 2, jun. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000200011>. Acesso em: 28 fev. 2014.

MENEGUEL, S. N.; GIUGLIANI E. J.; FALCETO, O. Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 14, n. 2, p. 327-335, 1998.

MONTANDON, C. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. *Educação & Sociedade*, v. 26, n. 91, p. 485-507, 2005.

PAYÁ, R.; FIGLIE, N. B. Filhos de dependentes químicos. In: BORDIN, S.; FIGLIE, N.B. LARANJEIRA, R. (Org.) *Aconselhamento em dependência química*. São Paulo: Roca, 2004. p. 362-376.

REPPOLD, C. T.; PACHECO, J.; HUTZ, C. S. Comportamento agressivo e práticas disciplinares parentais. In: HUTZ, C. S. (Org.) *Violência e risco na infância e adolescência: pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 9-42.

SOUZA, J.; ZANOTI- JERONYMO, D. V., CARVALHO, A. M. P. Maturidade emocional e avaliação comportamental de crianças filhas de alcoolistas. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 191-199, 2005.

SOUZA, J.; CARVALHO, A. M. P. Filhos adultos de pais alcoolistas e seu relacionamento na família de origem. *Saude & Transformação Social*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 43-51, 2012.

SORBRING, E.; RODHOLM-FUNNEMARK, M.; PALMERUS, K. Boy's and girls' perceptions of parental discipline in transgression situations. *Infant and Child Development*, n. 12, p. 53-69, 2003.

VICENTIN, V. F. *E quando chega a adolescência...* Uma reflexão sobre o papel do educador na resolução de conflitos entre adolescentes. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VINHA, T. P.; MANTOVANI DE ASSIS, O. Z. A autonomia, as virtudes e o ambiente cooperativo em sala de aula: a construção do professor. In: TOGNETTA, L. R. P. (Org.) *Virtudes e educação: um desafio da modernidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2007. p. 159-197.

ZANOTI-JERONYMO, D. V.; CARVALHO, A. M. P. Alcoolismo parental e suas repercussões sobre crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica. *Smad Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, [on line] 2005.

ZANOTI- JERONYMO, D. V.; LARANJEIRA, R.; FIGLIE, N. B. Efeitos do abuso de álcool relacionado à violência doméstica nos filhos: um levantamento bibliográfico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 30, n. 2, p. 168-176, 2008.

Recebido em julho de 2014.

Aceito em outubro de 2014.